



PROJETO
PERTENCER

E-Book



ELABORAÇÃO:

Karla Adriana Holanda Farias Vieira

Diretora da Escola Superior do Ministério Público
do Maranhão - ESMP/MA

Ana Luiza Almeida Ferro
Elyjeane Alves Carvalho

Promotoras de Justiça Auxiliares da Escola Superior
do Ministério Público do Maranhão - ESMP/MA

Valéria Dorotéa Serra Santos da Silva
Giovanna Serejo de Jesus
Andresson Rafkaell de Souza Nunes
Emily Jaynara Lindoso Maciel
Lizandra Neres Mendes
Nadson Nascimento Martins

Equipe Pedagógica da Escola Superior do
Ministério Público do Maranhão - ESMP/MA

Claunísio Amorim Carvalho
Marcus Theodoro Lima Mendes
Jordana Nazario de Melo Silva

Equipe de Design e Edição da Escola Superior
do Ministério Público - ESMP/MA

Maíra Lopes de Castro
Letícia Prazeres Falcão
Andrea Barros de Abreu
Luis Fernando Oliveira Sousa
Dara Idia Nabate Feitosa

Assessoria da Escola Superior do Ministério Público - ESMP/MA

Sâmia Maria Verri Carneiro Carvalho
Eklenn Marcelo Abreu Smith
Solange Cristina Santos Lopes

Gabinete da Escola Superior do Ministério Público - ESMP/MA

Maria Alaíde Natali

Biblioteca da Escola Superior do Ministério Público - ESMP/MA

Apresentação

Essa publicação é fruto do Projeto de Extensão Pertencer, uma iniciativa da Escola Superior do Ministério Público do Maranhão, que realizou uma série de atividades no Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro, localizado no território quilombola do Coroadinho, direcionadas especialmente aos estudantes do Ensino Médio.

Esta iniciativa contou com a parceria da gestão escolar do Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro sob a liderança da gestora geral Maria Luiza da Silva, da gestora pedagógica Rosymary Costa Martineles da Silva, da gestora administrativa e financeira Maria Lionalva Costa, das professoras Nilce Maria Ferreira Algave Garcez e Suzenny Dutra, da equipe da ESMP/MA, da equipe da 5ª Promotoria Distrital - Polo Coroadinho e das facilitadoras Luanda Martins Campos, Silvia Aguião e Kellyni Mota.

A oficina foi dedicada a explorar temas de grande relevância social e educacional: a escrevivência e a cartografia social. Ao longo de quatro dias produtivos, esta oficina buscou não apenas educar, mas também inspirar os participantes a se engajarem ativamente em sua comunidade.

A escrevivência, conceito que entrelaça escrita e vivência, permitiu aos jovens uma expressão autêntica e reflexiva sobre suas experiências de vida. Por outro lado, a cartografia social serviu como uma ferramenta poderosa para visualizar e discutir as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam seus ambientes.

Justificativa

O Projeto de Extensão Pertencer, uma iniciativa inovadora da ESMP/MA, tem como objetivo valorizar a diversidade de saberes e culturas de modo a possibilitar vivências que auxiliem os adolescentes no exercício da cidadania, no que tange à identidade e ao pertencimento sócio-político.

Entre nossas ações, destacam-se palestras com especialistas em políticas públicas, eventos culturais, aulas passeio, audiências públicas e as oficinas de escrevivências e cartografia social. Estas têm como propósito o resgate das memórias, por parte dos estudantes, das pessoas de referência, de forma a reconhecer e valorizar a luta do povo negro, a cultura negra brasileira e suas contribuições para a constituição de nossa sociedade, em especial a dos maranhenses.

O Projeto Pertencer abordou as seguintes temáticas: Quilombo urbano; As formas de superação do racismo, da discriminação e do preconceito racial; Ancestralidade e cultura; Literatura; Memória coletiva; Línguas remanescentes; Marcos civilizatórios; Práticas culturais, tecnologias e formas de produção do trabalho; Acervos e repertórios orais; Festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; Territorialidade; História e cultura afro-brasileira, africana e indígena; Desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas; Ações afirmativas e Liberdade religiosa. O objetivo desta publicação é aproximar os leitores dessa experiência que mobilizou e engajou estudantes a conhecer mais sobre seu território, suas histórias e sua identidade.

Nosso esforço é tentar descrever como foi a elaboração das escrevivências e autocartografias, a dinâmica das oficinas, os conteúdos trabalhados e a imersão cultural no quilombo urbano da Liberdade. Vale ressaltarmos o quão desafiador foi conectar os estudantes com sua ancestralidade, por meio de práticas reflexivas e participativas. Buscamos criar um espaço onde os alunos pudessem explorar e valorizar suas raízes culturais, promovendo um entendimento mais profundo de sua identidade e história. Este projeto é uma celebração da resistência e da riqueza cultural dos quilombos, e esperamos que inspire outras pessoas a realizarem iniciativas semelhantes.

Objetivo Geral:

Desenvolver o senso identitário e de pertencimento do alunado do território Coroadinho por meio de produção literária, memória escrita e visual.

Objetivos específicos:

- Proporcionar um espaço de reflexão e criação onde os estudantes possam explorar suas histórias de vida, percepções e experiências individuais como uma forma de compreender e intervir na realidade social em que estão inseridos.
- Promover a apreciação da variedade de conhecimentos artísticos e culturais, com o propósito de criar experiências para que os estudantes desenvolvam sua cidadania e sentimento de pertencimento sociocultural.
- Garantir o cumprimento da Lei 9394/1996, quanto à obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira, assim como do ensino orientado a partir da Base Nacional Comum Curricular.



Cartografias e Escrevivências Sociais

Escrevivência é uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio:

[...] que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma escrevivência. (EVARISTO, CONCEIÇÃO 2020).

É a escrita sobre você mesma, olhando para suas vivências, para os lugares e pessoas que convivem com você. Parece ser uma escrita individual, mas não é. O que você escreve se encontra com a escrita de vida de outras pessoas.

A cartografia social permite às comunidades desenhar, com a ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Este tipo de mapeamento social geralmente envolve populações tradicionais e é um instrumento utilizado para fazer valer os direitos desses grupos em frente a grandes empreendimentos, problemas relacionados à grilagem de terras e ao não cumprimento de dispositivos legais que dizem respeito à delimitação de terras indígenas, à titulação de territórios quilombolas e à regularização fundiária de territórios caiçaras.

Conhecendo o território cartografado

O evento ocorreu de forma presencial no espaço escolar do CE Dorilene Silva Castro. As oficinas foram ministradas para subgrupos de estudantes do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Para cada subgrupo, as atividades foram desenvolvidas em turnos de 4 horas realizadas em dias distintos, conforme programação geral.

A oficina contou com exposição e conversa sobre os objetivos da oficina de trabalho, via metodologias participativas da escrevivência e da cartografia social, incluindo desenvolver o senso identitário e de pertencimento dos alunos(as) do território Coroadinho, por meio de produção literária, memória escrita e visual, bem como promover a apreciação da variedade de conhecimentos artísticos e culturais, com o propósito de criar experiências para que os estudantes desenvolvam sua cidadania e sentimento de pertencimento sociocultural.

Durante os momentos de pesquisa na escola, sabemos que os temas explorados vão além da sala de aula. As atividades trabalhadas com as professoras enfatizaram também como aconteciam as relações sociais dos estudantes com a família, amigos e, principalmente, no ambiente escolar. Dessa forma, as oficinas foram acompanhadas e foram avaliados os procedimentos utilizados pelas professoras, a partir do planejamento das aulas e do diálogo aberto com os profissionais e alunos.

Memórias do Quilombo

Para o registro da história e da memória do Coroadinho como território quilombola, enfatizamos os seguintes questionamentos aos alunos:

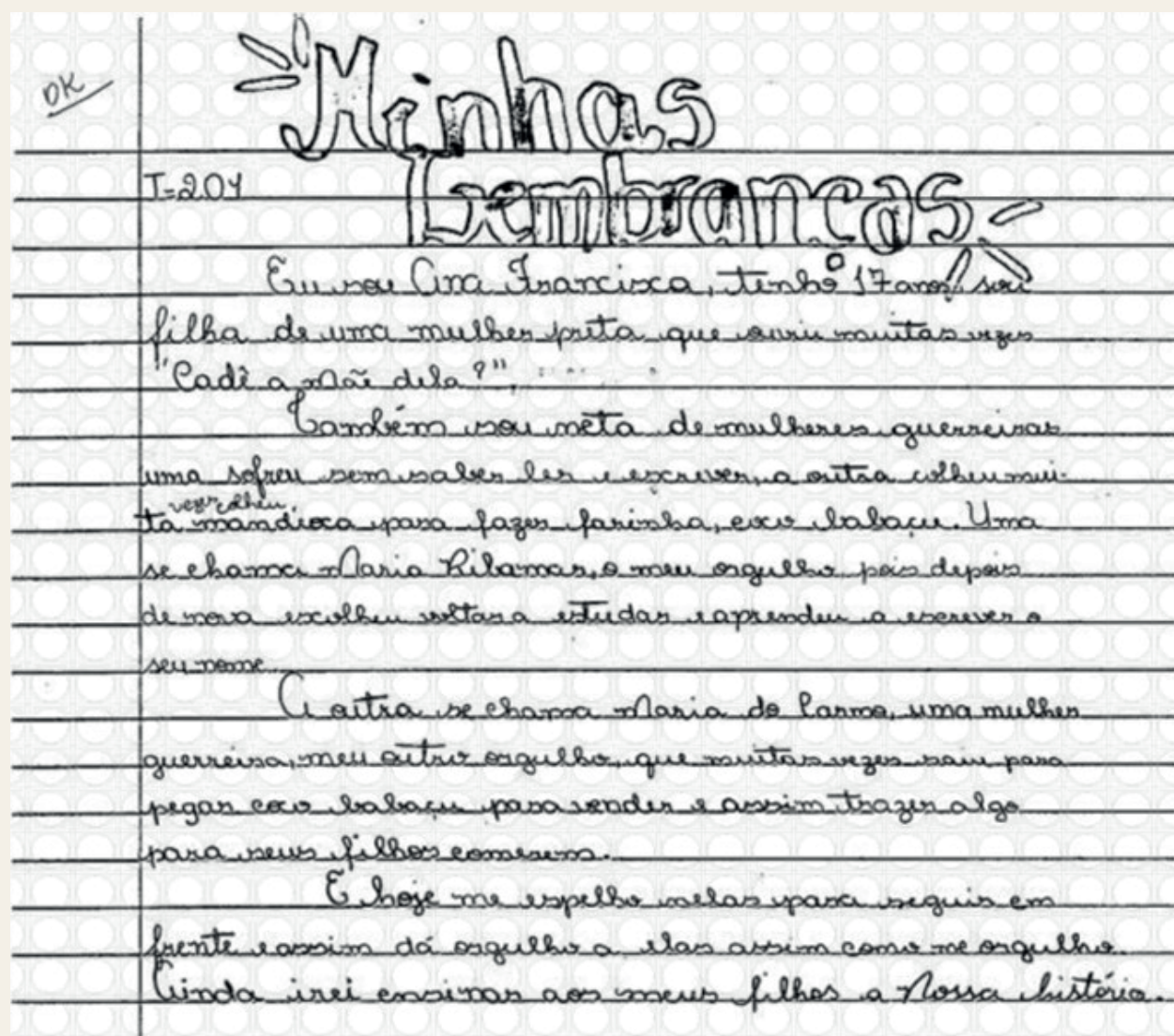
1. Como e quando sua família veio morar aqui?
2. Você nasceu aqui? Ou quando você chegou aqui? E os seus pais nasceram aqui? E os seus avós? (recuperar trajetória das famílias)
3. Sua família toda mora aqui?
4. Como era sua casa na infância? Como era sua primeira casa no bairro? Ainda é a mesma casa? Como ela é hoje?
5. Você e sua família costumam viajar para a cidade de origem? Qual ou quais cidades fazem parte da origem da sua família?
6. Você tem parentes que moram em territórios de quilombo ou indígena?



Escrevivências Quilombolas

A iniciativa das oficinas tem como meta o resgate, por parte dos estudantes, das memórias das pessoas de referência, de forma a reconhecer e valorizar a luta do povo negro, a cultura negra brasileira e suas contribuições para a constituição de nossa sociedade, em especial a dos maranhenses.

Em vez de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade em linguagem simples e acessível. Neles, são colocados espaços de roça, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como unidades de saúde e escolas e outros elementos que as populações envolvidas considerem importantes.



Escrevivências Quilombolas

- “A minha família toda é do interior, lá em São Bento. Olá, eu tenho 16 anos, eu moro com minha mãe e meu irmão, dia 08 de janeiro eu perdi meu padrasto, ele foi vítima de uma bala perdida aqui mesmo no Coroadinho, a violência aqui no bairro às vezes é demais, ele era o pai da minha irmãzinha mais nova, foi muito difícil desde que ele se foi, eu nunca tive amor paterno, nunca tive relação nenhuma com meus avós.”

- “Tenho 17 anos, sou filha de uma mulher preta que ouviu muitas vezes: ‘Cadê a mãe dela?’. Também sou neta de mulheres guerreiras, uma sofreu sem saber ler e escrever, a outra colheu muitas vezes mandioca para fazer farinha, coco e babaçu. Uma se chama Maria Ribamar, o meu orgulho, pois depois de nova escolheu voltar a estudar e aprendeu a escrever o seu nome. A outra se chama Maria do Carmo, uma mulher guerreira, meu orgulho que muitas vezes saiu para pegar coco babaçu para vender e assim trazer algo para seus filhos comerem. E hoje me espelhar nelas para seguir em frente e assim dá [sic] orgulho a elas assim como me orgulho, eu ainda irei ensinar aos meus filhos a nossa história.”



Escrevivências Quilombolas

1- Eu NASCI aqui e MINHA FAMÍLIA nasceu metade aqui e a outra metade no INTERIOR e seus sobrinhos NASCERAM em MINAS e no P.S

2- MINHA mãe veio para SÃO LUIS a trabalho porque as coisas estavam muito difíceis para ela então ela mora aqui desde a adolescência então ela saiu de CATARI para SÃO LUIS

3- MINHA mãe dizia que aqui era muita AREIA VAIA e MORROS

4- bom NÃO mudou muita coisa o TERMO da CASA da MINHA tia virou um quanto a CASA MINHA avó admentou a CASA dela no INTERIOR

5- bom metade sim MAIS tem alguns que moram no INTERIOR e outros em MINAS

6- bom AS VEZES VAMOS PARA O INTERIOR para visitar MINHA avó ou PRA CASA da MINHA avó que mora aqui em SÃO LUIS

7- ~ do meu PAI é VIANA da MINHA mãe é CATARI

8- NÃO só no BAIRRO e no INTERIOR

9- MINHA mãe mãe AS VEZES VAI AI ela leva MINHA IRMÃ JA meu PAI só vai PRA IGREJA



Jandaja

Escrevivências Quilombolas

Memórias

"É bom pensar que eu tenho uma vó que ~~um dia~~ me ensinou a ser forte, que cuidou de mim, me acolheu como filha e me fez querer ser melhor. Mas é triste saber que vou perder ela a qualquer momento.

Lembrar de quando nós morávamos em Rosário e ela me levava adonde ela ia, das comidas gostosas que ela fazia, das histórias que contava.

Me lembro de sempre ir as casas de parentes distantes e voltar de lá com frutas, farinha, peixe e assim vai.

Reuniões de família eles contando histórias e nossa família muito religiosa e com antepassados de que são quilombolas.

Minha vó negra que sempre trabalhou como empregada doméstica e pescadora também.



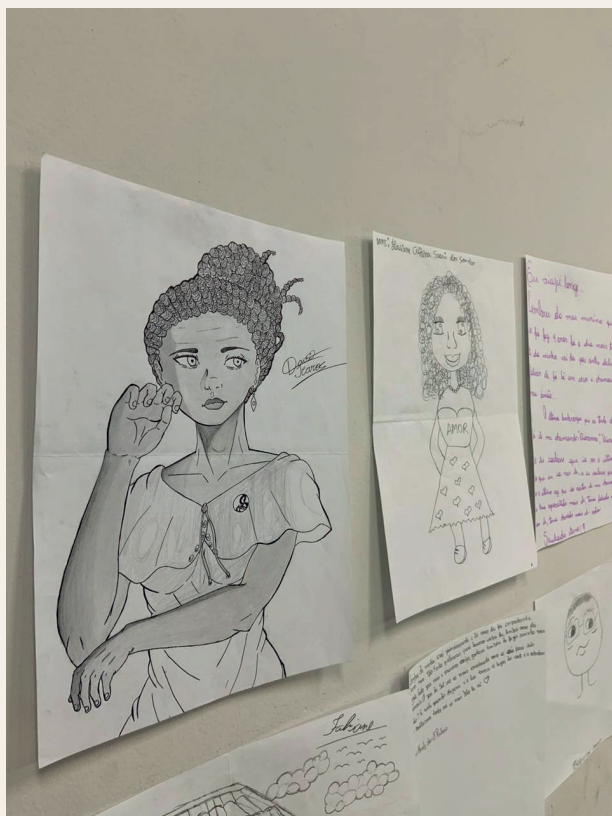
Autocartografias

Para registro das práticas e tradições culturais do bairro

Quais são as manifestações culturais que você conhece no bairro?

1. Quais são as festas e festejos que acontecem aqui?
2. Tem bloco afro? Tem batalha de rima ou Slam?
3. Tem tambor de crioula? Tem igrejas? Tem terreiro?
4. Tem centro de cultura ou institutos sócio-culturais? Tem coletivos? Tem associações?
5. Quais os lugares mais frequentados no bairro?
6. Pra você, como é o bairro?
7. O que o bairro significa para sua família?

Utilize as técnicas que você conheceu na oficina para registrar as informações coletadas. Escreva, desenhe, cartografe seu bairro!



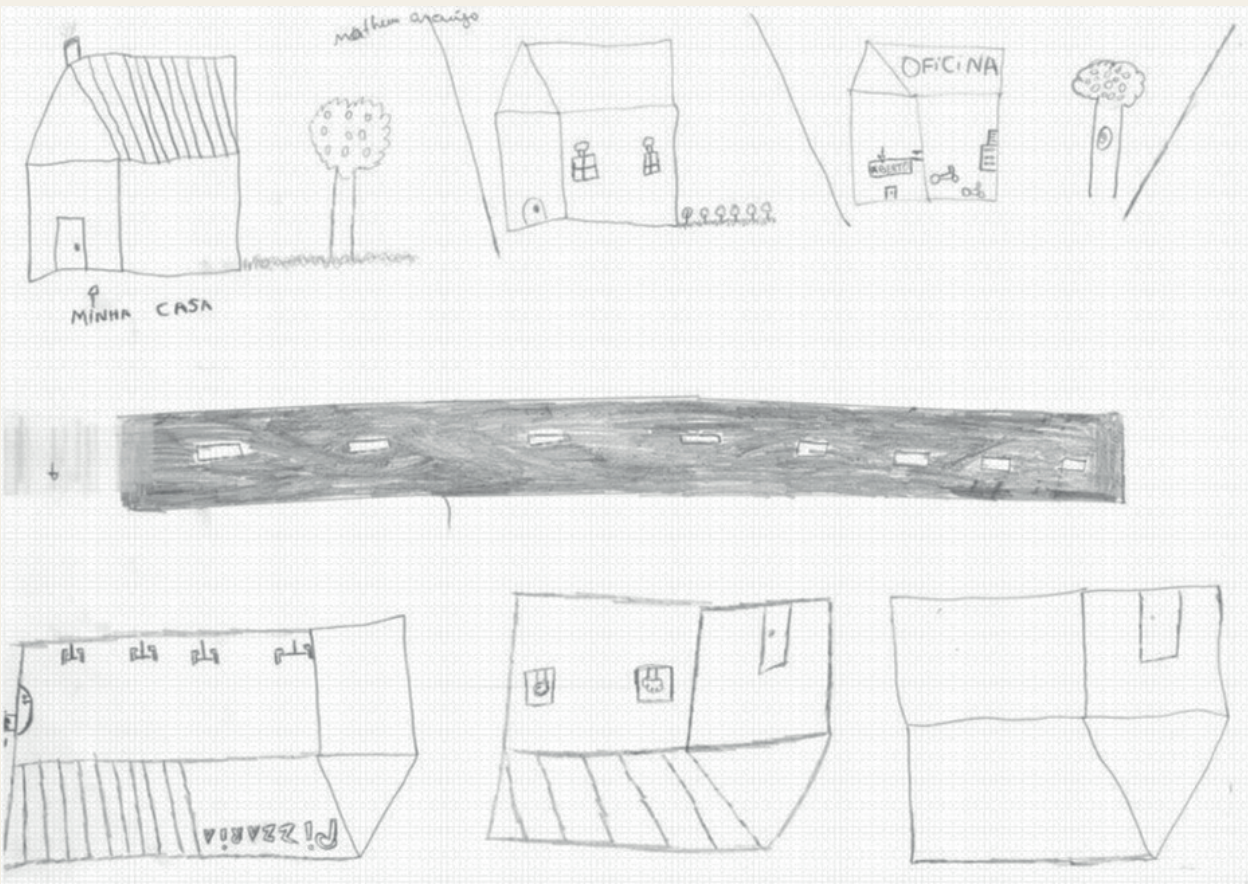
Autocartografias

Manifestações culturais existentes no bairro citadas:

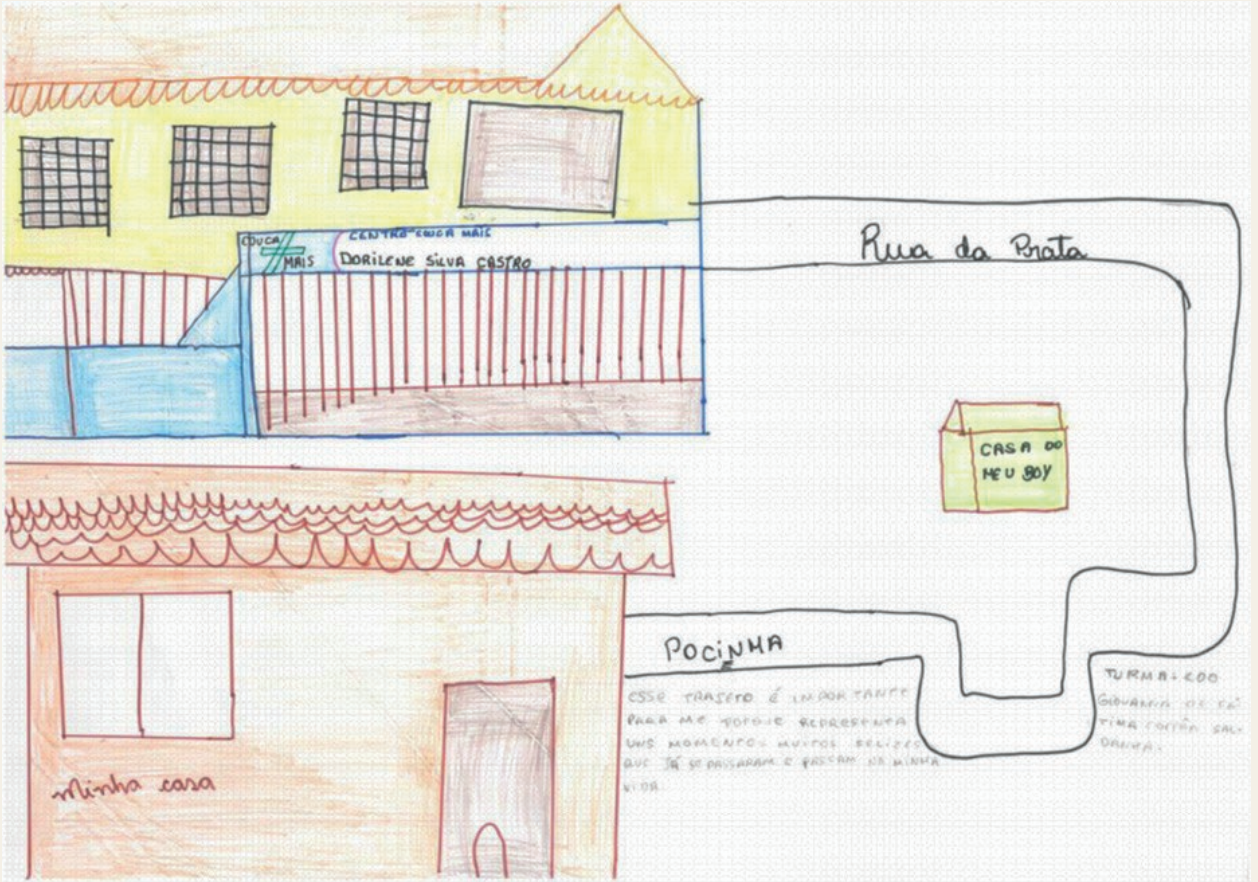
- . Tambor de crioula
- . Bumba meu boi
- . Artesanato
- . Culinária (arroz de cuxá e peixe frito)
- . Festa do Poste
- . Festejos católicos
- . Batalha de rima (na praça Bom Jesus)
- . Terreiros
- . Festa junina
- . Igrejas
- . Feira do Coroadinho
- . Festejo de Santa Luzia
- . Festejo de Nossa Senhora do Carmo
- . Festejo de Nossa Senhora da Conceição
- . Carnaval



Autocartografias



Autocartografias



O que os alunos do Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro pensam sobre o Coroadinho?



“É um bairro guerreiro, pois ele luta todos os dias contra os preconceitos, por conta da periferia”



“Significa casa, onde a família se reúne para as festas”



“Meu bairro tem história, era uma invasão, hoje em dia é uma comunidade”

TEMPORALIDADE DAS OFICINAS



	1	18/04/2023 Reunião Casa das Pretas
16/08/2023 Eu, sujeito de direitos: Diálogos em Direitos Humanos e Cidadania	2	
	3	25/10/2023 Sou Coradinho, sou Quilombola!
27/10/2023 Oficina: Meninas da Favela	4	
	5	Jan/Fev de 2024 Reunião com os Gestores da Rede Estadual
Mar/Abr de 2024 (15, 18 e 19/03; 04/04) Oficinas de Escrevivências	6	
	7	03/05/2024 Aula Passeio Quilombo Urbano da Liberdade

(RE)CONHECENDO OUTROS QUILOMBOS

A aula passeio no Quilombo da Liberdade oferece uma oportunidade única de imersão cultural e educacional, permitindo aos estudantes participantes do Projeto Pertencer uma vivência enriquecedora e profunda nas tradições, história e resistência afro-brasileira. O maior quilombo urbano das Américas é o Quilombo da Liberdade, certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2019, cujo território abrange os bairros Camboa, Diamante, Fé em Deus e Liberdade, e cuja população ultrapassa os 160 mil habitantes. Além do aspecto educativo, a aula passeio enfatiza a importância da preservação da memória e da cultura afro-brasileira, incentivando os estudantes a refletirem sobre questões de identidade, diversidade e inclusão. Ao vivenciar o dia a dia do Quilombo da Liberdade, os estudantes saem não apenas com mais conhecimento, mas também com uma perspectiva ampliada sobre a riqueza e a complexidade da história e cultura brasileiras, promovendo uma maior consciência social e respeito pelas diferentes comunidades que formam o tecido da nossa sociedade.

O principal objetivo era proporcionar aos alunos uma experiência educativa e cultural, permitindo o contato direto com a história, as tradições e o cotidiano do Quilombo da Liberdade, fomentando o respeito e a valorização da cultura afro-brasileira.

Para além, percebemos que o reconhecimento do “outro” como igual, como aconteceu entre estudantes do Coroadinho e os moradores da Liberdade, pode ser uma estratégia a contribuir com a pacificação dos territórios.

(RE)CONHECENDO OUTROS QUILOMBOS

Outros pontos de cultura

Bloco Afro Netos de Nanã

Localiza-se na rua Gregório de Matos, nº 286, Liberdade. Surgiu no ano de 2004 compondo uma das atividades do Grêmio Recreativo e Cultural Libertos na Noite, iniciando em uma Casa de Mina no Maranhão – o Terreiro de Mina Nanã Buroqué.

Bloco Afro Abiyeyé Mayô

Fundado em 20 de maio de 2009, em São Luís/MA. É o primeiro bloco afro do Maranhão fundado dentro de uma Casa de Matriz Africana de rituais de Voduns, Orixás e Encantaria, o Ilê Ashé Ogum Sogbô, a mais de trinta anos comandada pelo babalorixá Airton Gouveia.

Bumbá meu boi da Floresta de Mestre Apolônio

Originário de São João Batista, cidade localizada na região da Baixada Maranhense, sendo conhecido como sotaque de Pindaré ou da Baixada. Traz como estilo e vestimenta os chapéus bordados, enfeitados de pena de ema, o personagem do cazumba e um ritmo mais cadenciado e lento.

ESMPMA
Escola Superior do Ministério Público do Estado do Maranhão

Karla Adriana Holanda Farias Vieira
Diretora da ESMP-MA

"2024 – O Ministério Público do Maranhão no fomento à resolutividade das demandas sociais"

Edifício Aurora Corrêa Lima
Rua Osvaldo Cruz, 1396, Centro – CEP: 65.020-910

Telefones: (98) 3219-1965 – (98) 3219-1968 – (98) 3219-1969

E-mail: esmp@mpma.mp.br

Aula Passeio Quilombo Urbano

O que é quilombo?

Derivam de um triplo registro:

- Quilombo histórico, lugar de memória da resistência negra;
- Como referência simbólica e conteúdo político (sobretudo a partir do *Quilombismo de Abdias do Nascimento*);
- Quilombo de direito, conforme o artigo 68 da Constituição Federal de 1988.

Quilombo Urbano

O maior quilombo urbano das Américas. Trata-se do Quilombo da Liberdade, certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2019, cujo território abrange os bairros Camba, Diamante, Fé em Deus e Liberdade, e cuja população ultrapassa os 160 mil habitantes.

Pontos de cultura

Matadouro

- O antigo Matadouro Modelo, construção inaugurado em 1918, era um prédio moderno na época que por muito tempo serviu como local onde era armazenado e abatido os animais destinados para o consumo público.
- Por muitos anos, o bairro Liberdade era chamado de Matadouro por causa deste prédio que se tornou de fato um marco para o bairro, marco para o início do bairro, mesmo sabendo que neste local existia um sítio que era propriedade da Ana Jansen, o Sítio Itamacaca.
- Hoje em dia o prédio abriga a Unidade de Educação Básica Mário Andreazza.

Centro Cultural Quilombo Urbano

- O Centro de Cultura e Turismo do Quilombo Urbano, localizado na Rua Gregório de Matos, 100, Liberdade. Com o objetivo de promover a tradição africana, ao mesmo tempo em que estimula o turismo local e o desenvolvimento socioeconômico da região.

Produtora Novo Quilombo - Reggae

- Localizada na rua Gregório de Matos, 173, Liberdade, surgiu em 7 de abril de 2006, com a missão de através da música, trazer mais paz para a comunidade da Liberdade. Uma casa que cultiva reggae e toda cultura do bairro Liberdade e de São Luís do Maranhão.

Boi de Leonardo

- A casa do Mestre Leonardo, que acolhe a manifestação artística do Boi de Leonardo (Boi da Liberdade), sotaque de Zabumba, onde também ocorrem apresentações do Tambor de Crioula, uma dança alegre e descontraída, é marcado por três tambores e pela dança circular das mulheres com saias floridas de chita.

Mercado Municipal da Liberdade

- O Mercado Municipal da Liberdade é uma das mais importantes unidades de abastecimento da capital, possuindo mais de cinco décadas de história. O espaço conta com 278 boxes e 162 bancas que atendem aproximadamente 357 feirantes, as quais exercem atividade econômica, ofertando produtos diversificados como: frutas, verduras, legumes, hortaliças, plantas medicinais, aves, peixes, mariscos, carne bovina, suína, artesanato entre outros.

ROTEIRO – QUILOMBO URBANO LIBERDADE

A aula passeio teve como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência educativa e cultural, permitindo o contato direto com a história, as tradições e o cotidiano do Quilombo da Liberdade, de modo a fomentar o respeito e a valorização da cultura afro-brasileira. Tal ocorreu da seguinte forma:

1. Ponto de Encontro: 8h

Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro. Breve Introdução: Início do passeio com uma conversa sobre a importância do reconhecimento e valorização das comunidades quilombolas no Brasil. Discussão sobre o que esperar da visita e orientações gerais.

2. Visita ao Matadouro: 8h30

Atividade: Conhecimento da história local, entendendo sua importância econômica e social para a comunidade quilombola. Discussão sobre as formas de resistência e sobrevivência das comunidades afro-brasileiras ao longo da história.

3. Sede do Boi de Leonardo: 10h

Atividade: Conhecimento da tradição do Bumba Meu Boi, patrimônio cultural imaterial, e de sua importância para a comunidade. Aprendizado sobre os personagens, os ritmos e a confecção dos trajes e adereços.

4. Visita à UEB Ministro Mário Andreazza: 11h30

Atividade: Oficina de Tambor de Crioula com os alunos do ensino fundamental.

Encerramento:

Atividade de Encerramento: Roda de conversa para compartilhar impressões e aprendizados do dia. Orientação para a produção de um relatório ou projeto artístico (desenho, poema, canção) sobre a experiência vivida.



O que os alunos do Centro Educa Mais Dorilene Silva Castro pensam sobre o Quilombo Urbano da Liberdade?



"Meu nome é Reja Miria, sou do 2º ano da escola Dorilene... o passeio tá sendo incrível porque tô aprendendo mais sobre minha ancestralidade, de onde vêm os sotaques do bumba-meu-boi, sobre o tambor-de-crioula, sobre a Liberdade inclusive que é um bairro incrível. E é isso. O momento do bordado foi incrível, porque minha família também borda, meus tios bordam e tudo mais. Então, quando eu vi a moça bordando ali foi tipo como se voltasse a infância e visse meus parentes bordando, foi incrível."



"Hoje eu vi várias coisas muito incríveis, vi o tambor-de-crioula, vi o boi, muito massa, muito incrível. A história do boi da liberdade é, foi incrível, foi uma coisa que eu nunca vi antes e também foi uma experiência única, porque eu nunca vim aqui na Liberdade."

Carlos Daniel Novais Reis



"Achei legal, uma experiência nova. Gostei muito. Foi um dia muito especial, porque aprendi sobre as religiões do quilombo e sobre os tambores."

Fabricio Lohan Santos de Abreu

LEVANTAMENTO QUANTITATIVO



33 meninas



18 meninos



ENTREVISTAS COM ALUNOS

Como a criação cartográfica ajudou você a compreender a realidade social do quilombo do Coroadinho?

“Em questão da diversidade da cultura do local, em questão de religiões, de como eles se respeitam entre si, que ali são diversas religiões, que tem a Umbanda, também tem as igrejas católicas, e mesmo assim tem a questão do afeto deles serem unidos e tal, a questão do bairro, e de como eles expõem essa cultura para os outros. Como pode ver, eles pareciam ser bem unidos em questão de como o Bumba meu boi se relaciona e como eles estavam ali, porque são diversas culturas, não era só aquele local que a moça disse, tinha um outro lugar que eles também se reuniam, e é isso.”

“Desenhar a representação do Coroadinho, a Favela, no caso, o que eu vi. E lembrar algumas coisas no muro da escola mesmo. Botar as crianças brincando porque querendo ou não, por mais que o Coroadinho seja lotado. Tem a visão de violência, mas tem criança que brinca, tem adulto que senta na porta e conversa com outro. Isso, porque aqui tem união, só não é mostrado com clareza. A gente não vê direito o que mais ficou falado por Coroadinho. Violência, morte e tragédias. Mas o Coroadinho é união, tem cultura e precisa ser mostrado para a gente esquecer essa ideia de violência que é o Coroadinho. Porque querendo ou não, de onde viemos para cá, amenizou o principal é o que pareceu, mas amenizou. É isso.”

“O que às vezes é muito inventado por algumas pessoas, a gente morando lá e com toda a escola, todo mundo vai querer participar e todo mundo vai ter mais experiências novas, entendeu? Vai entender realmente o que é um pertencente, vai gostar.”

ENTREVISTAS COM ALUNOS

Quais foram as experiências mais marcantes que você teve durante as oficinas?

“É muito bom aprender sobre tambor de crioula, sobre o boi de Leonardo e aprender um pouco mais sobre a comunidade, o povo quilombola da liberdade e as atividades do pertencer que a gente foi realizando, o projeto de cartografia eu gostei de participar, conhecer os lugares onde eu moro e que são importantes para mim e não estão marcadas no mapa mas são importantes para nós aqui do bairro.”

“Eu acho interessante a forma que eles abordaram o tema com a gente de buscar no passado memória de ancestrais lembrar dos nossos avós, lembra o coroadinho desde o começo. No início eu não consegui falar muito sobre porque como eu sou um garoto criado na cidade, não tive muito contato com meus avós que são do interior, eu não tenho esse tipo de memória, mas eu achei muito interessante a forma que eles conseguiram abordar esse tema e de certa forma agregar e impactar vários alunos e dessa forma trazendo à tona sentimentos, lembranças e recordando o tempo passado. Com a atividade da cartografia, foi um método de reconhecimento do bairro para desenhar trajetos mais importantes ou o que a gente fazia sempre, o que a gente faz sempre todo dia, para desenhar o seu lugar preferido, o que mais gosta, o que mais passa tempo.”

“Minha família, ela dançava, trouxe as atividades, me lembrou uma memória minha, quando vi as crianças dançando, porque mesmo o primo vive dançando. Aí eu comecei a lembrar.”

Quais foram as sugestões que você daria para as próximas oficinas?

“Como sugestões para as oficinas que vocês estão fazendo aqui com a gente, nós estamos falando sobre grafite, uma ideia incrível! Pensei em reunir as informações que coletamos sobre nosso bairro, os locais mais importantes para todos nós. Imagina só, pintar essas representações na parede da quadra, poderia ser uma forma poderosa de celebrar nossa comunidade, destacando os lugares que todos nós valorizamos. Além

disso, seria uma maneira criativa de dar vida a espaços públicos além dos espaços internos da escola, além de promover um senso de pertencimento entre os moradores. Estou empolgada com essa ideia, e acho que poderia inspirar outras iniciativas similares em nossos arredores.”

Como você descreveria a importância da cartografia social e escrevivência como metodologia para explorar as percepções e experiências dos alunos em relação ao território do Coroadinho?

“A cartografia foi de suma importância para que os meninos percebessem locais que tem no Coroadinho próximo da casa deles que eles nem conheciam. O caminho da escola, lembro que ele disse que tinha rios e córregos que passavam aqui, então, para mim, foi importante essa experiência cartográfica que eles participaram. E sobre a escrevivência ela foi fenomenal, assim para eles. A gente até ficou um pouco surpresa porque apesar de serem jovens, mas eles têm aquela história de vida da família deles, de lembranças que às vezes essas lembranças eram lembranças boas e que apesar de pouca idade dava saudade para eles. E aí veio aquele sentimento de angústia misturado com alegria, misturado com tristeza, mas enfim foi importante para eles, que até depois quando a gente saiu daqui, eles estavam fazendo comentários, quem participou fazia o comentário com os colegas da sala ‘Ah, eu não sabia que a mesma história tua, que teve com a tua avó, era a mesma minha’, foi bem legal.”

ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Como você percebeu que a cartografia e a escrevivência contribuíram para o desenvolvimento do senso identitário e de pertencimento dos alunos?

“Foi muito interessante quando eles terminaram de se encontrar na cartografia. Foi assim, sabe? É bem interessante ver que ele está morando aqui perto. ‘Olha, mora perto de mim.’ ‘Não, minha casa não está aparecendo aqui.’ Lembra que alguém disse isso? ‘Minha casa não está aqui, está assim, bem aqui.’ E também comentaram fora da sala e estão aguardando o mapa para se encontrarem nessa cartografia também. Então foi muito válido, é muito válido. Acho que até então eles nem sabiam desse termo,

nem sabiam que existia, assim, com esse nome, né? Até imaginavam, mas para eles foi de grande aprendizado. E para mim também, né? Houve aprendizado, com certeza.”

Como você pretende utilizar a experiência adquirida com as oficinas de cartografia social de escrivência para enriquecer sua prática pedagógica no futuro?

“Olha, a minha prática pedagógica, ela até fica assim... Mas por que você está trabalhando neste projeto? Se estou na área de exatas, entendeu? Por que você está aí como exatas? Devia ser eu, porque eu sou de humanas, por exemplo. Então, para mim, foi um grande desafio, está sendo um grande desafio eu estar nesse projeto pelo fato de que eu sou de exatas sim, mas fora da escola, eu sou do movimento social.

Trabalho desde o primeiro momento que eu cheguei aqui nesse projeto, digamos assim, foi pelo fato de eu trabalhar, de eu pertencer a um grupo de mulheres. E aí, quando foi com as meninas, a diretora disse ‘Nilce, fica na frente desse projeto aí, porque você vai ajudar bastante já com a vivência que você tem de movimento de mulheres fora, né.’ Aí então, para mim, está sendo muito, muito gratificante trabalhar no projeto e utilizar a cartografia na minha disciplina. Está sendo muito interessante, muito bom. Só agradeço.”

E como você percebe o impacto dessas oficinas na relação dos alunos com o território do Coroadinho e sua comunidade?

“Como já foi mencionado há pouco, eles também estão ansiosos para que o Coroadinho, assim, saia, digamos, do muro aqui para fora, né, é um desejo, né. Vamos ser vistos, vamos ser reconhecidos, vamos mostrar para nossa comunidade “extra-Coroadinho” que o Coroadinho também é um bairro, e que podemos pertencer sim a esse bairro, não só a esse bairro, mas podemos pertencer também ao nosso próprio estado, ao nosso próprio município.”

E quais os principais temas abordados durante as oficinas de cartografia e escrivência em relação à história e cultura afro-brasileira?

“Eu até fiz um comentário com uma colega minha, que é professora de História, sobre os meninos que ficaram bastante admirados e bastante

interessados quando nós começamos a falar, e elas, as facilitadoras, começaram a falar sobre quilombos. Então, são termos que estão dentro da nossa escola. Dentro da grade curricular, ele é falado sim, mas não há essa dinâmica, esse envolvimento para que esse menino reconheça que ele pertence, que ele na verdade, ele, lá um pouco distante, ele tem um parente que é quilombola, ele tem um parente que pertenceu, que pertence a esse grupo. Então é bastante, para eles é, é assim, um interesse assim, que quando estamos em reunião, quando nos reunimos com eles, eles ficam tímidos em falar, né, mas depois disso, eles vão comentar, comentar nos grupos, né, e quando ele chega da sala de aula: professora o que aconteceu, por que eu não estou lá, eu também quero falar, e assim fica. Então é assim, eles ficam bastante entusiasmados.”

Como a gestão escolar avalia o impacto do projeto na comunidade escolar e no território do Coroadinho como um todo?

“Eu vou falar um pouquinho o que impacta bastante, porque quando os meninos se envolvem em qualquer oficina, em qualquer projeto, ele vivencia realmente o problema. Certamente eles vão sentir que aquele problema ali e eles vão também poder apontar soluções, porque o momento que a gente vivencia um problema na comunidade e a gente vivencia, como as oficinas, vocês passam muito o que acontece no dia a dia, e aí eles conseguem trazer também soluções para os problemas. E é muito bom que os alunos se envolvam no que está acontecendo ao redor deles. E as temáticas que vocês trouxeram foi bem apropriada para o momento.”

Quais foram os resultados mais significativos alcançados pelo projeto do ponto de vista da gestão escolar?

“Autoestima. No primeiro momento eles não gostavam nem de tirar foto. No momento tem alguns, né? Mas quando eles, durante todo o desenvolvimento, quando eles se viram ali fotografados e vocês que conduziram com muita competência mesmo, todo esse período, a gente percebeu que eles ficaram mais, as meninas então mais empoderadas, né? Independente da realidade de cada um. A gente percebeu que a autoestima foi muito elevada com o projeto Pertencer.”

ENTREVISTAS COM AS GESTORAS

Como a gestão escolar planeja dar continuidade ao trabalho iniciado pelo projeto, visando manter e aprofundar os avanços objetivos?

“Na escola nós já temos algumas eletivas direcionadas com esses temas, por exemplo, porque a gente sabe que autoestima é tudo. Você se vê como é que você se vê?, dentro de um bairro periférico, preto, de baixa renda, onde o bairro é um estigma muito ruim lá fora, e quer que a gente veja que não é nada disso. E as meninas estão aí, são belas, são inteligentes e podem ir aonde quiserem. Pode chegar aonde elas determinarem e a escola, os projetos estão aqui para ajudar. Então nós temos as eletivas, planejamos, juntamente com os professores, principalmente os professores que acompanharam aqui, o desenvolvimento do projeto Pertencer. Nossa ideia é montar uma eletiva dentro dessas temáticas, ajudando muito porque as nossas eletivas, elas são multisseriadas, elas envolvem estudantes de todas as séries juntos, sendo um bom momento para que a gente possa dar continuidade nesse projeto de vocês. Vocês começaram e a gente dá continuidade dentro da nossa parte diversificada, gente. Inclusive eu tava... Pode falar aqui na mão? Pode. De agradecimento? Pode agradecer bastante. Falou pouco? Falou um pouquinho já, né? Então assim, em nome de toda a gente [...]”

Como a gestão escolar planeja dar continuidade ao trabalho iniciado pelo projeto, visando manter e aprofundar os avanços objetivos?

“[...] Equipe do Centro Educa Mais do Dorilene Silva Castro, eu gostaria de parabenizá-los, né, os representantes aqui do Ministério Público, da escola, do Ministério Público, e dizer que essa parceria deu certo, até porque a gente vê isso através dos resultados, né, e um impacto muito grande foi quando os meninos foram para o Ministério Público. Aquilo ali vocês não imaginam o que foi pra cada um deles, né, o que eles chegaram aqui falando, do lanche até o acolhimento de tudo. Então a gente só tem que agradecer a vocês pela parceria do Ministério Público e a Escola Superior com a nossa escola pois é importante e que permaneça onde os alunos podem perceber que eles podem ser o que eles quiserem e a partir dessa busca da identidade deles e dessa valorização de onde eles vieram, e com

esses eventos é mais fácil realizar os projetos de vida aqui na escola. Então, eu agradeço e espero que realmente o Ministério Público continue com a parceria dentro de outros projetos que eu sei que vão ser relevantes ainda mais para os alunos daqui dessa região, dessa área."

PERCEPÇÕES QUALITATIVAS

O Projeto Pertencer revela um impacto profundo e transformador no grupo de estudantes da comunidade escolar do território Coroadinho. Ao promover oficinas de escrevivências e cartografia social, e organizar uma aula passeio no quilombo urbano da Liberdade, o projeto não apenas incentivou a produção literária, mas também fortaleceu a identidade e o senso de pertencimento dos alunos. Essas atividades proporcionaram um espaço para que os estudantes explorassem suas histórias, raízes e culturas, contribuindo para a construção de uma memória coletiva rica e diversificada.

Por meio das oficinas de escrevivências, os alunos puderam expressar suas vivências cotidianas e suas histórias pessoais, dando voz às suas experiências e fortalecendo sua autoestima. A cartografia social, por sua vez, permitiu que eles visualisassem e compreendessem melhor os elementos que compõem seu território, desenvolvendo um olhar crítico e sensível sobre o ambiente em que vivem. A aula passeio no quilombo urbano da Liberdade foi essencial para conectar os estudantes com suas origens afro-brasileiras, proporcionando uma vivência histórica e cultural que enriqueceu ainda mais seu entendimento de pertencimento.

Em suma, o Projeto Pertencer se mostrou uma iniciativa exemplar ao integrar a produção literária com a memória escrita e visual, promovendo um senso identitário robusto entre os alunos. Através dessa experiência, os estudantes do território Coroadinho não apenas aprimoraram suas habilidades literárias, mas também fortaleceram seus laços comunitários e culturais. O sucesso do projeto destaca a importância de práticas educacionais que valorizam a história e a cultura local, e serve de modelo para futuras iniciativas que visem à construção de uma sociedade mais consciente e conectada com suas raízes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *feedbacks* recebidos pelos estudantes são extremamente positivos, destacando o impacto significativo das oficinas na vida dos participantes. Muitos relataram que gostariam de que as oficinas continuassem, de preferência com as mesmas facilitadoras, além de expressarem grande satisfação por terem tido a chance de aprender algo novo e útil. Esses resultados são um testemunho do sucesso do nosso projeto e do potencial das oficinas como ferramenta de extensão e desenvolvimento comunitário. Os dados coletados servem de base para planejar as próximas etapas do projeto, sempre visando ampliar nosso alcance e aprofundar nosso impacto na comunidade. Agradecemos a todos que contribuíram para o sucesso dessas oficinas e reiteramos nosso compromisso em continuar promovendo iniciativas que incentivem o aprendizado, a inovação e a inclusão social.

O impacto dessas atividades, apesar das dificuldades apresentadas, foi positivo, evidenciado pelo desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito de suas realidades. Ademais, estas oficinas fomentaram um senso de pertencimento e identidade entre os participantes, reforçando a importância de sua contribuição ativa para a transformação social. Agradecemos o empenho e dedicação das facilitadoras Luanda Martins Campos, Silvia Aguião e Kellyni Mota, bem como a parceria firmada entre a gestão do Centro Educa Mais Dorilene da Silva Castro e toda a equipe da Escola Superior do Ministério Público, cujo trabalho foi essencial para o sucesso desta iniciativa. Este relatório destaca não apenas o sucesso do Projeto de Extensão Pertencer, mas também o potencial ilimitado dos jovens quando munidos das ferramentas certas para expressar suas vozes e reimaginar suas comunidades.

Por fim, registramos que o Projeto Pertencer atendeu às diretrizes do art.39 do Regimento Interno da Escola Superior do Ministério Público do Maranhão (ATO REGULAMENTAR No. 03/2019-GPGJ), na medida em que contribuiu para o desenvolvimento cultural e social da comunidade, por intermédio de atividades de extensão.

Os alunos que participaram do projeto são:

Ânnyca Lopes Barbosa, José Henrique da Silva Pinheiro, Gleyde Evelyn Morais de Oliveira, Iasmim Alice da Silva Almeida, Deborah Evely Carneiro Lemos, Marcos Vinicius Uchôa Farias, Matheus Araújo Natividade, Raíssa Cunha Menezes, Jonas Fernandes Gomes Veras, Thays Gabriele Rocha Ferreira, Giovanna de Fátima Corrêa Saldanha, Kethelyn Cristine Silva Mendes, Hellen Greyce Silva Lages, Hellen Cristiny Vieira de Souza, Iara Cristina Silva Almeida, Ana Beatriz Campos, Hevily dos Santos Pinheiro, Luciano da Silva Vaz, Madson dos Santos Viéguas, Rhaloiiellen Soares Santos, Flaviane Cristina Soares dos Santos, Fabiane da Silva Mota, Leandra Bruna Pereira da Silva, Davi Icaro Freitas Rocha, Fabrício Lohan Santos de Abreu, João Pedro de Sousa Nunes, Jamilly Cristiny Mendes do Lago, Rihana dos Santos Pinheiro, Kauan Raimundo Barros Pinto, Carlos Daniel Novais Reis, Rayllanny Stefany dos S. Colins, Reja Miria Louzeiro Barbosa, Gustavo Eduardo Soares Coelho, Katlem Thays Ferreira Pereira, Hannah Jôse de Carvalho Louzeiro, Ana Júlia dos Santos Barbosa Coêlho, Ana Francisca Diniz Serra, Ana Letícia Silva Costa, Emanuele Tayná Barros, Jennifer Kalyne Dias, Nataliane Santos, Yure Gabriel Moreira Campelo, Jonas Fernandes Gomes Veras, Letice Correia Silva, Nataly Lohanny Ferreira Santos, Jhonnatan Costa Ferreira, Maylla Emanuely dos Santos Soeiro, Gustavo Cantanhede Cunha, Rayllanny Stefanny dos Santos, Carlos Vinicius Bastos Silva e Thaynna Malheiros.



PROJETO
PERTENCER



ESMPMA
Escola Superior do Ministério Público
do Estado do Maranhão